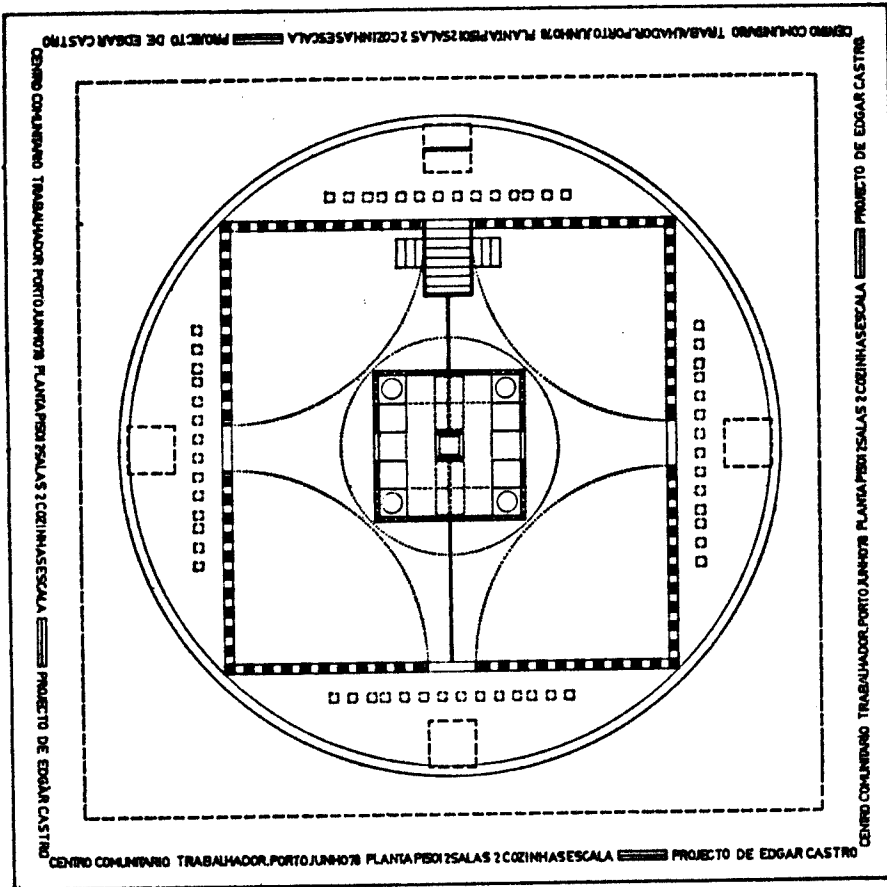


LADO B

**Escola do Porto: Lado B**  
1968-1978 (Uma História Oral)

**Porto School: B Side**  
1968-1978 (An Oral History)



Esta é uma “história oral” que resulta de uma série de vinte e três entrevistas informais realizadas entre Março e Agosto de 2014, sem a intimidação provocada por registos de vídeo ou áudio. Pode ser sempre contestada. Cita-se de memória, cita-se livremente, correndo o risco de algum desvio formal mas reitera-se a honestidade com que foram trabalhados os conteúdos expressos. Sabemos igualmente que a memória e o tempo distorcem a visão das coisas. Esta não é necessariamente a história do que aconteceu mas do que gostamos de recordar como tendo acontecido e este é um distanciamento que deveremos ter sempre em consideração. Esperamos que eventuais equívocos inerentes à metodologia adoptada sirvam de estímulo a futuras investigações.

Agradecemos a generosidade e paciência de (por ordem alfabética): Alexandre Alves Costa, Ângela Melo, Camilo Cortesão, Cláudio Ricca, Carlos Valente, Domingos Tavares, Edgar Castro, Eduardo Souto de Moura, Fernando Barroso, Fernando Pinto Coelho, Guilherme Castro, Graça Nieto Guimarães, Jacinto Rodrigues, Júlio de Matos, Luísa Penha, Manuel Mendes, Manuela Juncal, Maria Manuel Oliveira, Mário Ramos, Manuel Fernandes Sá, Pedro Borges Araújo, Teresa Fonseca, Tereza Vaz. Outros ficaram por entrevistar mas, insistimos, este é um processo em aberto.

## Introdução

A “Escola do Porto” tem uma história oficial que começa em Carlos Ramos, é estruturada por Fernando Távora, e internacionalizada primeiro por Álvaro Siza e depois por Eduardo Souto de Moura. Diz-se que nasceu do encontro da arquitectura moderna com a arquitectura popular (e não o contrário). A escola do “Inquérito”, da “Reforma de 57”, a escola que parece redescobrir o desenho e o projecto na urgência do compromisso social do arquitecto espelhado no processo SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local). É a escola do “neo-realismo”, do “socialismo realista”, do “regionalismo crítico”; a escola que se afirma na aparente ausência de rupturas, numa história linear, simplificada, que recusa ser pós-moderna porque nunca chegou a ser moderna. Uma história contada e repetida vezes sem conta, em sincronia mitificadora. Esta é a escola dos vencedores ou pelo menos esta é a narrativa predominante.

Na sombra desta “Escola do Porto” existe um “Lado B”, um lado outro, de histórias que escaparam às teses e aos livros. São histórias esquecidas, histórias secundárias, algumas inconsequentes outras rasuradas, histórias que tentámos pensar com um conjunto de entrevistas nem sempre concordantes entre si e que, no seu desacordo, evidenciam uma realidade mais complexa, com posições

mais marginais. Desacordos que põem em causa a linearidade da história oficial e a imagem homogeneizadora da ideia de “Escola do Porto”.

Estas histórias oscilam entre dois pólos: entre a utopia social e política fortemente influenciada pelo Maio de 68; e a utopia formal e disciplinar que caracterizou o pensamento radical na década de 1970. A narrativa proposta centra-se na geração que iniciou os estudos na ESBAP em 1970, e que opôs marxistas, leninistas, ou maoístas a trotskistas, situacionistas ou anarquistas. E se começamos com a assumida ambição de contribuir para uma visão mais complexa da “Escola do Porto”, poderemos desde já adiantar, que em paralelo temos a ambição dissimulada de questionar este conceito apaziguador, enfatizado na década de 1980 e 1990 à sombra da internacionalização de Álvaro Siza Vieira. Propomos dar atenção a outras narrativas, menores seguramente, mas representativas de uma contracultura, de uma pedagogia radical, ou de percursos autodidactas identificados com uma crítica do quotidiano e evidenciados em projectos, em acções interventivas, em gestos performativos, e na insurreição ou na ironia. Propomos neste “Lado B” o percurso que vai da “ilusão à desilusão” no antes e depois da Revolução de Abril e que teve como consequência, o afastamento voluntário e involuntário de algum dos alunos e professores da ESBAP.

Esta história começa com a saída de Carlos Ramos da direcção do curso de Arquitectura da Escola Superior de Belas Artes do Porto (ESBAP) em 1967, com a demissão colectiva do corpo docente por questões de indefinição contratual, e com o aumento da contestação ao regime sob influência do Maio de 68 e da revolta estudantil de 1969, que empurraram o curso de Arquitectura da ESBAP, sob a aparente abertura da “primavera marcelista”, para o chamado “regime experimental” – uma reforma que os jornais da época iriam apelidar de “inovadora” e “radical” pela gestão paritária entre alunos e professores, pela ausência de cadeiras no sentido convencional do termo, pela ausência de faltas, de horários, tudo isto em prol da integração de várias matérias estruturadas em torno de um núcleo central: o projecto de arquitectura (tido num âmbito alargado).

Este regime de ensino, estruturado em grupos e temáticas e não em anos lectivos, defendia a avaliação contínua igualmente participada por docentes e discentes. Não durou muito tempo mas, voltar atrás, à “Reforma de 57”, era algo que apesar de desejado pela direcção “reaccionária” da ESBAP (imposta pelo ministério), seria rejeitado pela maioria dos estudantes e professores. O ambiente de permanente contestação política, com perseguições e processos a alunos e professores, paralisou a escola em vários momentos. Entre 1969 e 1974 o ano escolar iniciava-se em Abril e prolongava-se até Setembro.

A grande maioria dos alunos frequentou apenas os escritórios dos professores fazendo desta prática a prática do seu ensino. A Revolução de 1974, e o conseqüente processo SAAL (1974-76), encontraram os arquitectos a rua: manifestações, ocupações e o “direito à cidade”. A escola continuou “vazia”.

Resume Eduardo Souto de Moura na sua prova de estágio (1980):

“Matriculei-me na ESBAP no ano de 1970. A minha formação de arquitecto pelas ruas de São Lázaro pode-se dizer que não foi das mais felizes, facto natural, pois a Escola também não o era (...) Rejeitada a “Reforma de 57” a escola debate-se com problemas de posposta. Não avança. 57 é o ensino dito “racional” da arquitectura. É a troca de Vitruvius (*firmness+commodity+delight*) por Gropius (*firmness+commodity=delight*)<sup>1</sup>. É a aposta na geração dos mestres. O desajustamento entre tão obsoleta pedagogia e uma complexa realidade, levou a escola a um contacto directo com a cidade na tentativa de a usar como informação e recepção de projectos escolares (...) A aprendizagem política do sistema, a resposta do Movimento Estudantil, Maio de 68, fazem com que a simples concepção da arquitectura como artefacto seja ultrapassada por uma análise mais vasta de ordem político-ideológica (...) Projectar torna-se então um fenómeno cultural complexo. Desenhar, passa pelo juízo de que ‘toda a cultura depois de Auschwitz é incómoda... é a convicção de que a realidade pode ser utilizada em função da mais brutal irracionalidade’. É o medo, é o ‘silêncio dos poetas’ é o desespero legítimo do não desenho”.

Sobre os alunos formados neste tempo disse uma vez Fernando Távora: “esta é uma geração para queimar”<sup>2</sup>.

**Catálogo**  
*Catalogue*

**Edição**

**Publisher**

A Oficina, CIPRL  
Sistema Solar (Documenta)

**Coordenação Editorial**  
*Editorial Coordination*

Nuno Faria

**Desenho Gráfico**  
*Graphic Design*

Atelier Pedro Falcão

**Proporção**

*Proportion*  
[2:3] – 16 x 24 cm

**Tipos de letra**

**Typefaces**

Verdigris  
Gothic 720

**Produção Executiva**  
*Executive Production*

Pedro Silva

**Textos**

**Texts**

Nuno Faria  
Pedro Bandeira

**Tradução**

**Translation**

Martin Dale

**Revisão**

**Proofreading**

Cristina Guerra  
António d'Andrade

**Fotografia**

**Photography**

Vasco Célio e/and Ricardo Nascimento / Stills

**Copyright Textos**

**Copyright - Texts**

Os Autores / *The authors*

**Copyright Imagens**

**Copyright - Images**

A Oficina CIPRL

**Pré-Impressão, impressão e acabamento**

**Pre-printing, printing and finishing**

Gráfica Maiadouro

**Tiragem**

**Print-run**

500

Por vontade dos autores, os textos neste livro apresentam-se segundo a antiga ortografia

**ISBN (A Oficina)**

978-989-8474-27-8

**ISBN (Documenta)**

978-989-8566-78-2

**Depósito Legal**

**Legal Deposit**

382 923/14

Todos os direitos reservados. Esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por qualquer forma ou quaisquer meios eletrónicos, incluindo fotocópia, gravação magnética ou qualquer processo de armazenamento ou sistema de recuperação de informação, sem prévia autorização escrita dos editores. / *All rights reserved. This work may not be reproduced in whole or in part, in any form or by any electronic means, including photocopying, magnetic recording or any storage process or information retrieval system, without written permission from the publishers.*

PLATAFORMA DAS ARTES  
E DA CRIATIVIDADE



Apoio  
*Support*



Universidade do Minho  
Escola de Arquitectura